

APONTAMENTOS DE GEOGRAFIA MILITAR

Pelo Major ALBERTO BERGALLI

Trad. pelo Major Brecardo Bicudo

Para a organização do presente trabalho socorri-me dos apontamentos que tomei nas aulas dadas sobre a matéria, no ano de 1938, na nossa Escola Superior de Guerra, tendo consultado também, as seguintes obras: GUIDA ALLO STUDIO DELLA GEOGRAFIA MILITAR, da autoria de Carlos Porro; Dicionário Militar, do coronel de engenharia D. José Almirante; Tática Integral, do coronel Juan Lúcio Cernadas e apontamentos de um oficial superior do exército argentino, cujo nome não pude obter. De tais fontes de consulta, fiz transcrições e uma adaptação que, no meu modo de ver, pos- sam melhor convir ao nosso meio.

Sentindo-me atraído pelos estudos da Geografia Geral, ao qual de certo modo me acho vinculado pelo exercício da Topografia, creio ser útil aos camaradas que se interessam por ambas ciências, ao divulgar, o mais modestamente possível, o que pude reunir e oferecer nestas notas.

IMPORTANCIA DE SEU ESTUDO

A Geografia Militar é uma ciência que estuda a superfície do solo como cenário da vida animal e vegetal na sua relação com o homem.

Os elementos geográficos interessam de diversas maneiras pela influência que exercem sobre as operações militares, podendo desdobrar-se seu estudo em duas partes: conhecimento dos elementos geográficos, e seu valor militar.

Para o conhecimento dos elementos geográficos deve-se recorrer ao que ensina a Geografia Geral.

Os principais elementos da Geografia Geral que interessam sob o ponto de vista militar, são: terreno, a água, a vegetação, o clima, o homem, a ação do homem, a superfície e artificial como obra do homem.

Para a avaliação dos elementos geográficos, convém reagrupá-los pela importância da influência que exercem nas operações militares.

Finalmente, a coordenação de ambos os estudos permitirá classificar a região em que se preveja ou espere o desenvolvimento das operações de guerra.

EVOLUÇÃO DA GEOGRAFIA MILITAR

A Geografia Militar antes de tornar-se volumosa e adquirir caráter científico, passou pelos períodos evolutivos da Geografia Geral; somente no século passado se firmou esse caráter.

Seu estudo foi encarado seriamente pelas autoridades militares deante da necessidade de conhecer o território onde deviam manobrar e deslocar-se as tropas. Recorreu-se aos conhecimentos geográficos, porém sem um determinado método.

Orientada para a história, valeu-se dos ensinamentos das campanhas anteriores, apossando-se do estudo pormenorizado das batalhas e ações militares, reunindo antecedentes valiosos que serviram de base para cimentar sua orientação. Posteriormente seu estudo foi desviado, orientando-se pelo conhecimento das estatísticas, denominando-se Geografia Econômica. Desviando-se da Geografia Histórica, recorreu-se aos dados estatísticos relacionados com a produção, clima, comércio, indústria, etc.

Crescendo em importância, a Geografia Militar foi determinando novos rumos no seu estudo. Sucedem-se novas alternativas que produzem algumas confusões na orientação dos seus conhecimentos futuros levando-se em conta os novos elementos que surgem perante a análise do seu processo evolutivo.

Surgiu uma nova preocupação ao tomar-se em consideração um novo elemento, a Geologia, que, em certa época, se conferiu uma importância capital em detrimento do fundamental, dando em resultado uma era de estudos geológicos de importância, concretizados em detalhes do sub-solo, o que realmente não interessava aprofundar, uma vez que o seu aproveitamento para fins militares da época, tinha uma importância secundária.

Este desvio do estudo em detalhe da Geologia, originou muitas controvérsias sobre se devia se ou não incluí-lo na forma e importância que se lhes assinalava.

A Geografia Militar adquire logo o caráter de Ciência Social e Ciência Física estabelecendo-se seu estudo por forma ordenada e sistemática.

Como ciência física considera o terreno como parte física, servindo-se da Topografia, que estuda particularmente a superfície do solo.

Como Ciência Social considera o homem como elemento social, nova forma de estudo que dá origem à Geografia Humana.

Os estudos se desdobram sob vários aspectos.

O estudo do terreno, por exemplo, pode ser orientado de maneira particular segundo o país que se considere, pois, em alguns primam características que são de capital importância para não tomá-las logo em consideração, como grandes extensões cobertas por massiços montanhosos (Suíça), cordilheira andina (interessando vários países sul-americanos), ou ainda consideráveis extensões baixas e pantanosas (Países Baixos), de planaltos alongados (Bolívia); mesopotâmias; região de vegetação frondosa (Chaco paraguaio e Brasil central). Enfim a diversidade de aspectos topográficos que apresenta o globo terrestre, criam estudos particulares nos países que são afetados pela sua influência.

Observado na sua natureza e estrutura, o terreno apresenta-se: rochoso, sedimentário, estratificado, dobrado, basáltico, etc. Seu estudo, neste particular, terá por fim considerar determinadas formas planas até as aglomerações rochosas, ou ainda, detalhes da configuração tendo em vista a presença de objetivos interessantes nessas regiões. No estudo da Hidrografia, deve-se destacar, em particular, se se trata de cursos d'água importantes, cujas características variem notavelmente segundo se os considerem nas suas nascentes, médio ou baixo curso. Os textos usuais de geografia, ao estudar um curso d'água realizam-no sob o ponto de vista da correnteza por ser a forma em que melhor se evidencia a ação erosiva das águas, podendo-se estabelecer com mais facilidade seu perfil de equilíbrio.

No nosso país, se bem que não contamos com um tipo definido de torrente, dada a ausência de regiões caracteristicamente montanhosas, existem cursos d'água importantes, passíveis de semelhança às torrentes, relativamente à maneira de comportar de sua corrente, o que permitirá determinar seu perfil aproximado de equilíbrio.

O conhecimento dos cursos d'água assume uma importância fora do comum tendo em vista as operações militares a prever ou desenvolver. Seu estudo deve ser feito, pois, desde o tempo de paz e continuado em toda época; neste sentido, as observações sobre suas manifestações normais e

extraordinárias conduzem a um meticoloso estudo de seu regime, feito sobre as três partes fundamentais em que se divide a vida seu curso.

Ao estudar o homem, entra em consideração o aspecto regional. Cada região tem características próprias que influem fundamentalmente no aspecto físico do terreno e no caráter humano. O elemento que atua num meio físico determinado (suponhamos o homem), se adapta a este meio e sua vida transcorre estabilizada; sua natureza apta a esse meio, está condicionada às características que lhe impõe o clima, o qual é função do sistema orográfico-hidrográfico da região montanhosa, lacustre, pantanosa, vegetação, natureza do solo, etc.

O homem, atuando persistentemente em uma mesma região, familiariza-se com as características do solo e com as alternativas pouco variáveis de um mesmo clima; mudando-o bruscamente de meio, sem transição, seu organismo não poderá resistir muito tempo a essa mudança inesperada; a ressenteimento físico sobrevirá perturbações ao seu espírito. O clima, pois, orienta a vida do homem; os povos laboriosos, de grande capacidade para o trabalho, são os que ocupam as regiões mais próximas às zonas frias; o frio constitui um estimulante do trabalho e um incentivo do intelecto.

DEFINIÇÕES SOBRE TERMINOLOGIA MILITAR

A importância da Geografia Militar, crescendo dia a dia, tomou uma orientação definida particularizando seus estudos nos elementos geográficos indispensáveis, que servissem melhor as necessidades do uso militar. Adota finalmente, um léxico militar, univertalizando-se uma terminologia intimamente concorde aos fins que têm em vista.

Achando-se intimamente vinculada a tática e a estratégia, creio oportuno incluir algumas definições em uso, com termos militares que foram adotados por tratadistas de reconhecida erudição.

Do texto da Tática Integral, cujo autor é o Coronel do Exército Argentino JUAN LÚCIO CERNADAS, editado, em 1928, trancrevo:

“ESTRATÉGIA” — Consiste a estratégia na arte e ciência de combinar as operações fora do campo influenciado pelas armas e demais elementos de combate, com o fim de que os choques táticos se produzam nas melhores condições possíveis.

“TÁTICA” — É uma parte da arte de condução da guerra. Compreende exclusivamente a direção e o uso das forças organizadas e preparadas especialmente para a luta, durante a crise do choque das mesmas, isto é — no combate.

Assim expostos estes conceitos e sendo a estratégia uma parte da Arte da Guerra deve-se definir esta última. A este respeito, diz o seguinte o Coronel JUAN LÚCIO CERNADAS: “Ciência ou Arte da Guerra? Indistintamente se qualifica de ciência ou arte. No passado preferiam defini-la mais como arte, ao passo que, contemporaneamente, a tendência se inclina a qualificá-la como ciência”.

“As causas que mais influem em tal análise, se baseiam seguramente no seguinte: nas épocas passadas os grandes chefes se revelavam como tais de uma maneira rápida e aparentemente como possuidores de um dom natural que os inspirava, como os artistas do pincel da harmonia e da forma. Pareciam obedecer a determinações quasi divinas ou providencias que os levavam às mais estupendas vitórias. Pelo contrário, na época moderna, especialmente na atual, a circunstância do manejo complicado de inúmeros elementos mecânicos de guerra, com procesos de cálculos científicos, apresenta a direção das operações em geral, como uma ciência especial e que, como tal, dispõe de métodos para fazer sua preparação e desenvolvimento. Certo é que a condução da guerra participa de condições peculiares a arte e de conceitos ou exigências da ciência. Concretizando, podemos dizer que por ciência da guerra devemos entender tudo aquilo que comporta o conhecimento necessário para dirigí-la, isto é — o saber”.

“Numa palavra, a direção da guerra é uma arte que exige o concurso de quasi tôdas as ciências”.

Extraio igualmente do citado livro “Tática Integral”, a seguinte citação de Clausewitz: “Noutro tempo compreendia-se sob a designação de arte ou ciência da guerra, somente a totalidade dos seus conhecimentos que se ocupam de coisas materiais.

“A organização, preparação, e manejo das armas, a construção de fortificações e intrincheiramentos, o organismo exército e o mecanismo dos seus movimentos constituíam os objetos destes conhecimentos de aplicações e conduzem à descrição de uma força utilizável na guerra”.

Com isto só se tratava de meios materiais de eficácia superficial e no fundo não havia outra coisa além de função manual elevada pouco a pouco até a arte mecânica aperfei-

coada. Tudo isto tem com a arte da guerra uma relação semelhante à que existe entre o trabalho dum armeiro e a esgrima. Nada se dizia do seu emprêgo no momento de perigo e entre as constantes influências recíprocas, nem dos movimentos próprios do espírito e do ânimo segundo as circunstâncias em que se encontrassem.

Por julgar muito interessantes incluo estas transcrições, sem deixar de reconhecer que recorro a elas com muita frequência porque julgo necessário para o desenvolvimento das reflexões que se seguem. Definiu-se também a Arte Militar, desta maneira: é a arte que se ocupa da constituição e aplicação moral e material dos elementos destinados a garantir materialmente a segurança das pessoas associadas e suas propriedades”.

Entendo que a Arte Militar e a Arte da Guerra não se deve confundir no mesmo conceito.

Suponho a Arte Militar, se se admite tal definição, como encerrando um conceito de generalidade, de permanente preparação e evolução dos elementos armados, organizados e aptos para a Defesa Nacional.

Compreendo a Arte da Guerra restrita a uma especialização funcional do Exército, desde que se refira ao Governo, ao Comando e à direção das Tropas que se constituem e organizam para a luta. Chama-se Arte Militar, Ciência ou Arte da Guerra, certo é que é tão antigo como a própria guerra; seus conhecimentos tinham por base os que o próprio homem havia adquirido na sua existência e coordenado em princípios, servindo-se dêles para a direção da guerra. Quando o homem se utiliza dêstes princípios, pondo-os em execução, adquire o sentido da Arte da Guerra. Em outros ramos dos conhecimentos humanos acontece algo análogo; existe semelhança de princípio. Na Engenharia, por exemplo, existe a ciência da construção e a arte da construção. A ciência da construção se baseia num conjunto de princípios destinados a destacar os fenômenos que surgem nesta ciência; sua importância se baseia na investigação de fórmulas matemáticas e seus fundamentos.

A Arte da Construção é a parte prática daquela ciência; fundamenta-se na aplicação dos conhecimentos científicos.

Eis porém em seguida, algumas definições que interessam destacar para continuar o estudo dos elementos geográficos a medida que as operações militares participam do cenário da guerra.

TEATRO DA GUERRA — Corresponde a extensão do território ou territórios de mar ou oceano, onde podem desenvolver-se as operações de guerra entre dois ou mais beligerantes.

Os progressos atuais da aviação ampliam o cenário do teatro da guerra e modificam o antigo conceito, obrigando a dispor meios de defesa em todo o país para subtrair de sua ação, os centros vitais de produção, fábricas de munição, armamento e especialmente as grandes cidades.

Assim o teatro da guerra pode compreender desde limitada região até vastas extensões, como aconteceu na guerra europeia, cujas operações, inicialmente localizadas nas fronteiras dos países em guerra, foi estendendo-se por todo continente a medida que outras nações foram entrando na luta, atingindo por fim os territórios e mares de outros continentes ao comprometer-se na contenda novos países.

TEATRO DE OPERAÇÕES — Dentro do teatro de guerra, a parte onde se desenvolvem as operações, se denomina teatro de operações.

Na guerra europeia, por seu caráter de guerra internacional, o teatro de operações foi subdividindo-se até constituição simultânea de vários teatros de operações.

REGIÕES DE OPERAÇÕES — Dentro do teatro de operações podem existir uma ou várias partes em que as operações se localizam por imperativo das condições geográficas ou por circunstâncias de caráter operativo. Quando um acidente geográfico determinado e de tal natureza e importância para as fôrças do exército, o acidente geográfico exerce influência sôbre as operações e as fixa. Acontece também que no desenvolvimento das operações tendo sido orientadas as fôrças em certa direção, resulta uma determinada situação para o exército. Neste último caso pode ou não a situação das fôrças em operações coincidir com uma região geográfica.

A grande guerra está cheia de exemplos neste sentido. Como região geográfica, com características próprias e de influência transcendente nas operações militares, pode-se citar a região dos Lagos Masurianos, estreitamente ligada a batalha de Tanneberg; a rede hidrográfica do Marne, a chapada do Aisne. Ambas fulminaram nas memoráveis batalhas de seu próprio nome.

Compreende-se a importância da realização desde o tempo de paz, dos estudos geográficos do país e sua divisão em regiões com características próprias, levando-se em consideração os elementos constitutivos de cada uma delas

para destacar seu valor e influência nas operações militares a prever ou desenvolver-se tendo em vista os planos preconcebidos. Os ensinamentos da grande guerra fizeram compreender que os estudos regionais não se devem limitar unicamente ao país em que se vive, porém que devem ser estendidos às regiões limítrofes dos países vizinhos.

ZONA DE OPERAÇÕES — Compreendida dentro da Região de Operações, é a parte do território que se atribue orgânicamente às unidades em operações para o fim de regular essas mesmas operações. Sua extensão em profundidade compreende o terreno limitado entre as vanguardas das unidades em operação até onde começa a Zona de Etapas.

ZONA DE GUERRA — NOSSO REGULAMENTO DO SERVIÇO EM CAMPANHA — No seu Capítulo III, ao tratar da divisão do território e do Teatro de Operações, diz: “No comêço da guerra, o Presidente da República estabelece, por decreto, os limites que caracterizam o território colocado sob as ordens do Comando em Chefe e que toma o nome de Zona de Guerra. O território restante se chama zona interior”.

Estende-se em profundidade desde o ponto em que manobram as tropas em operações ou zona avançada até o comêço da zona anterior, cujo limite poderá ser determinado por acidentes geográficos que compartimentem o terreno e que se procurará fazer coincidir com os limites políticos.

Segundo a disposição dos efetivos e a missão que se dê às tropas, pode-se admitir uma nova sub-divisão dentro da zona avançada: Zona de Manobras ou zona propriamente de combate e a zona de cobertura, que a precede.

Transcrevo novamente do mesmo Capítulo do citado Regulamento: “A parte da Zona de Guerra onde manobram as tropas em operações, chama-se Zona Avançada e o resto da Zona de Guerra, constitue a Zona da Retaguarda. O Exército e os Corpos de Exército, dispõem para os movimentos de seus órgãos de abastecimento e de evacuação, de uma parte da Zona da Retaguarda, que se denomina Zona de Etapas”.

Tendo citado as Zonas de Etapas e do Interior, tratarei em seguida de definí-las:

ZONA DE ETAPAS — Formando parte da Zona da Retaguarda, seu espaço no terreno está condicionado aos recursos (capacidade produtiva — rede de comunicações), que a ligam à Zona de Operações e à Zona Interior. E’ o escalão de distribuição pelo qual são assegurados os meios de sub-

sistência ao combatente, isto é, por onde se realiza o reaprovisionamento e a evacuação.

ZONA DO INTERIOR — E' a porção do território não compreendida dentro da Zona de Guerra e por conseguinte livre de inimigos. Pode ser comum a vários exércitos ou unidades que operam em vários Teatros de Operações. À medida que as fôrças de um exército progridem em território inimigo, a parte conquistada pode converter-se em Zona Interior se se pode organizá-la com govêrno militar e garantí-la com um real avanço das tropas.

BASES DE OPERAÇÕES — Um exército necessita, para sustentar-se e combater, de um conjunto de elementos que é fundamental pôr-lhe ao alcance. Organiza-se uma base de operações, antes da abertura das hostilidades, reunindo os elementos que lhe são indispensáveis para encarar as ações ofensivas ou defensivas, em zonas prèviamente escolhidas, afim de manter constantemente sua potencialidade e permitir o reajustamento das perdas originadas na luta.

Os centros vitais de produção, regiões industriais ou mineiras e as vias de comunicações que os une ao exército, práticamente constituem bases de operações fundamentais de um exército, uma vez que, despertando a cobiça do adversário, são transformados em ponderáveis objetivos militares. No conceito moderno se considera todo o país como base de operações ou tende a transformá-lo como tal, dispondo de tôdas as fôrças vivas da Nação para garantir a vida do exército e assegurar sua capacidade de combate.

São excepcionais os países que contam com tudo o que necessitam; os govêrnos ao considerar o desenvolvimento comercial da nação, calculam a capacidade máxima de produção para atender às necessidades da guerra e poder regular o intercâmbio de mercadorias com os países com os quais mantem relações comerciais.

A guerra absorvendo totalmente a atividade do país que a suporta, exige a manutenção constante do estoque de produtos alimentícios, vestuários, artigos bélicos, material rodante, reposição das unidades da frota aérea e naval, exploração das estradas de ferro, o que representa manter ocupada grande parte da população civil, para satisfazer as necessidades dos combatentes e da própria vida da população.

Os progressos da mecânica motorizando as unidades do exército e a profusão das vias de comunicações, reduzem consideravelmente os fatores tempo e distância, permitindo

abastecer desde longe o exército em operações, o que reduz o perigo que antes representava o seu afastamento de sua base inicial de operações.

A Geografia Econômica joga um rol importante proporcionando com os seus dados estatísticos, o índice de suas disponibilidades e necessidades. Como um país adquire geralmente os elementos que lhe são necessários incorporando-se ao seu organismo administrativo, constitue de fato o estabelecimento da base de operações no seu próprio território. Mas se a Nação entra em guerra, o conceito moderno de que o país inteiro se transforma em base de operações, não se pode tomar de modo absoluto desde que para o reabastecimento de matérias primas seja-lhe indispensável manter desimpedidas as vias de comunicações terrestres internacionais, marítimas e a costa.

FRENTE DE OPERAÇÕES — Frente estratégica. — Transcrevo do Dicionário Militar por D. José Almirante, as seguintes definições dadas por Jomini: “Logo que um exército se encontra colocado na zona que deve ocupar, para atacar ou defender-se, instala-se nela, geralmente, guardando posições estratégicas. A frente voltada para o inimigo se chamará Frente Estratégica. O espaço compreendido entre esta Frente e a posição do inimigo, correspondendo a uma ou duas etapas de marcha, será a Frente de Operações. O nome de Frente Estratégica convém melhor para designar a das posições realmente cobertas pelo exército, enquanto que o teatro de Operações designará melhor o espaço geográfico que separa os dois exércitos, estendendo-se a uma profundidade correspondente a um ou mais dias de marcha entre ambos, onde se dará provavelmente o contacto. Um exército não dispõe sempre de uma linha de defesa, sobretudo quando invade um país; também não dispõe de frente estratégica quando se encontra reunido num só campo, mas sempre tem frente de operações. Sendo esta o espaço geográfico que se interpõe à frente estratégica dos exércitos, na qual podem chocar-se, portanto quasi sempre se encontra estabelecida, com certa diferença, paralelamente à sua base.

Um oficial superior do exército argentino, cujo nome lamentamente não me recordar, assim define a Frente de Operações: “E’ a linha determinada pelas vanguardas das diferentes colunas de um exército que avança, se sua atividade é ofensiva, ou a que assinala a retaguarda das que se retiram, quando se coloca na defensiva”.

“Condições a satisfazer:

- 1.º Extensão delimitada;
- 2.º na defensiva, que se desenvolva à retaguarda de um obstáculo de importância;
- 3.º que cubra bem a linha de retirada;
- 4.º que se encontre à retaguarda com boas posições e a distâncias convenientes”.

As frentes de operações de dois exércitos beligerantes, podem ter diversas direções relativas que se reduzem a ser paralelas e oblíquas. Esta posição relativa das frentes de operações, tem influência inicial com a direção da fronteira, ou seja a primeira frente estratégica correspondente a cada hipótese de guerra.

Raciocinando sobre as definições transcritas, aventuro-me a expor os seguintes conceitos: “A frente de operações não tem sempre características de perfeita estabilidade, podendo sofrer variações mesmo no transcurso de um dia. A frente estratégica conserva maior estabilidade; sua manutenção depende da combinação das operações que se realizam num ou noutro flanco dando como resultado novas frentes estratégicas e por consequência, novas frentes de operações. A êste respeito diz o já citado Dicionário Militar, transcrevendo o estabelecido por Jomini: “A mudança da frente estratégica é na realidade uma das manobras mais importantes, porque, ao formar o exército uma perpendicular com a sua própria base, assenhorea-se de dois lados do Teatro de Operações e se coloca dêste modo numa situação quasi tão favorável como se tivesse uma base com duas frentes”.

A frente estratégica pode-se considerar em avanço ou em retirada. Segundo a situação considerada, as ditas frentes devem cobrir sempre as linhas de operações e estarem situadas de modo que cortem trasversalmente a linha principal de operações e se prolonguem mais para lá dos flancos das linhas de operações secundárias afim de cobrir os movimentos do exército, tanto na ofensiva como na defensiva.

Também definiu-se a frente estratégica como “estando determinada pela que têm os diversos grupos ou unidades do exército, relativamente às operações de guerra”.

DESDOBRAMENTO ESTRATÉGICO — E’ a disposição das unidades ou grupos de unidades, concentradas na fronteira ou próximas dela para dar comêço às operações militares.

Diz o coronel D. José Almirante, no seu Dicionário Militar (pág. 343: "Desdobramento... Manobra genérica, fundamental da Tática que transforma a ordem de marcha em ordem de batalha... Tôda concentração efetivamente é uma crise tática".

E' princípio estabelecido em estratégia que os deslocamentos das colunas não se realizam com efetivos superiores a 30.000 e 40.000 homens afim de não serem muito extensas; pelo contrário, há conveniência em dividir as fôrças em três ou quatro colunas para permitir às retaguardas entrarem oportunamente no seu lugar.

Para a execução do desdobramento estratégico livre de tôda improvisação, torna-se necessário conhecer desde o tempo de paz, por um estudo detido do meio físico, sistema orográfico e hidrográfico, vias de comunicação, zonas cobertas, cultivadas, aridez de certas regiões, obras de arte; isto permite sólido conhecimento que tem íntima relação com a direção e a frente a ser dadas inicialmente às colunas no seu desdobramento estratégico.

Transcrevo o que disse a respeito um oficial superior do exército argentino: "A finalidade do desdobramento estratégico é dispor as unidades em operações de modo tal que na sua aproximação ao inimigo, possa o exército obter o ponto ou zona mais importante no momento dado".

"A concentração e o desdobramento costumam confundir-se".

"A Concentração é a reunião das fôrças combatentes e de seus serviços. O desdobramento indica a ocupação, por parte das referidas fôrças, dispostas por grupamentos, com uma frente apropriada, para dar comêço às operações estratégicas ou para adotar um dispositivo para fins de operações".

PONTOS ESTRATÉGICOS — Recorro novamente à versão do citado oficial do exército argentino: "Todo teatro de guerra tem nos seus limites ou no seu interior, um certo número de acidentes notáveis, naturais ou artificiais, cuja posse modifica a situação em sentido favorável e determina um êxito, já parcial ou decisivo. Tais são as passagens nas cordilheiras, os desfiladeiros, vãos, pontes, grandes centros de população, praças fortes. Atraem sôbre si as operações militares; são chamados objetivos ou pontos estratégicos.

“Existem alguns que pela sua importância se qualificam de principais. Exemplo: Capital do Estado, por sede de governo e centro de atividades e recursos, que influem no moral e se relaciona com o êxito final. Há objetivos estratégicos que se podem considerar decisivos; quando conquistados quebram a última resistência do exército.

Em meu conceito os pontos estratégicos são pontos básicos, de vital importância, que se tem particular interesse em conservar ou conquistar, pela ação que possa desenvolver o adversário ou a repercussão nas operações, ao cercá-lo com as disposições tomadas.

Os pontos básicos ocupados por contingentes de tropas e organizados para a defesa terrestre e aérea e que marcam a linha da frente estratégica, devem reunir certas condições: ter grande horizonte ou caracterizar-se por sua importância geográfica ou pelo valor da obra de organização, obrigando o inimigo a conquistá-lo somente com o emprêgo a fundo de suas forças, empregando minuciosa preparação de artilharia e os elementos indispensáveis que lhe permitam reorganizar os contingentes empenhados, assim como reabastecê-los durante e depois da operação.

Linha de Defesa Estratégica. — (Transcrevo, sempre do referido oficial). “Linha de obstáculo natural, às vezes reforçada por fortificações cujo valor defensivo é eficaz para cobrir a concentração ou o desdobramento, a base de operações ou uma região.

“Uma série de fortificações que proteja as operações de concentração e apresente dificuldades à invasão inimiga, constitue também uma linha de defesa estratégica. Quando as linhas naturais ou artificiais são ao mesmo tempo as fronteiras, levam vantagens defensivas apresentando dificuldades ao invasor”.

Linha de Operações — (Do Dicionário Militar citado, pág. 834): “Na Estratégia é a que une a Base ao objetivo. E’ evidente que em ordem paralela ou de equilíbrio da frente própria com relação ao adversário, a linha ou linhas de operações, isto é, o avanço contra o inimigo, será em sentido perpendicular, o mesmo em que êle partirá ao nosso encontro. Mas, se por movimentos preparatórios estratégicos parte de certos pontos de sua Base e, nós, ainda que concentrados rapidamente não conseguimos nos interpor entre as suas frações, a linha sobre a qual marchamos será interior e única, ao passo que a dêle será exterior, dupla ou múltipla relativamente às nossas.

“Linhas convergentes, concurrentes ou oblíquas, são as percorridas pelos corpos ou fração de um exército no movimento de concentração num determinado ponto, divergentes das que seguem no movimento inverso de disseminação”.

Quando um exército tenha efetuado um desdobramento estratégico, toma, a partir de sua base de concentração, direções que o conduzem ao seu objetivo. Estas direções, geralmente estudadas e previstas desde o tempo de paz, têm sua aplicação nas estradas e caminhos orientados para o dito objetivo. Estas vias utilizadas por um exército no seu avanço ou retirada, se denominam linhas de operações no avanço ou na retirada e o seguido pela coluna principal dá o eixo de marcha.

Sob o ponto de vista circunstancial, quando as linhas de operações conduzem a um objetivo geográfico primordial, constituem linhas de operações territoriais; quando conduzem a um objetivo de manobras — linhas de operações de manobras.

As linhas de operações podem ser simples, duplas ou múltiplas. A direção da marcha é no sentido do eixo, salvo as pequenas variedades impostas pelo terreno nas colunas que marcham fracionadas sobre eixos secundários.

Quando um exército se desdobra em dois, cada um deles toma seu eixo de marcha; daí haver dupla ou múltipla direção. Conforme sejam estas, podem ser paralelas ou oblíquas, convergentes ou divergentes. As primeiras fazem supor vários objetivos e são raras. Estas direções de marcha determinam linhas estratégicas e as frentes de operações vão determinando as direções das linhas de operações.

As linhas de operações são convergentes quando conduzem os exércitos a um objetivo comum, e, divergentes, quando a disposição das frentes determinem orientações divergentes às linhas de operações.

Inicialmente as linhas de operações podem ser divergentes, quando procuram, no desenrolar das operações, envolver um objetivo importante para conquistá-lo por desbordamento, podendo logo após converter-se em linhas convergentes orientadas para o objetivo principal.

As linhas estratégicas são as mesmas linhas de operações sobre uma linha determinada.

Devem satisfazer as seguintes características: 1.º Ter fácil acesso e comunicação segura com a base de operações. Para isso terão que guardar certa subordinação com a forma do terreno e o traçado da fronteira. 2.º Apresentar condições

favoráveis à exploração das vias férreas, estradas, caminhos inter-estaduais e municipais e vias navegáveis.

Na sua previsão o Alto Comando estuda detidamente as linhas de operações tendo em vista a possibilidade de virem a ser interrompidas no todo ou em parte e daí o verificar-se se existe presunção de abandonar a linha escolhida, sem perigar o desenvolvimento das operações, para voltar à base por outra via. 3.º As linhas de operações duplas devem convergir para o inimigo e não devem oferecer oportunidade de ser batidas.

A escolha das linhas de operações está condicionada às possibilidades econômicas e circunstâncias políticas do território onde se assentem, desde que no seu desenvolvimento venham a atravessar regiões ricas ou pobres, atitude favorável ou hostil dos seus habitantes, causas estas capazes de proporcionarem vantagens ou desvantagens.

A linha de operações para um mesmo exército, sujeito a um comando único, traduz-se numa linha diretriz única; em caso contrário, isto é, de vários comandos, exigirá a adoção de várias diretrizes.

Dentro da linha principal de operações, as frações em operação vão aproveitando outras linhas secundárias, pois, não é concebível que um exército se utilize de uma única linha de operações, dada a vulnerabilidade da formidável massa exposta à ação da artilharia e aviação inimigas.

Linhas de invasão — Existe ou não analogia para considerar as linhas de invasão como vias estratégicas? Vejamos quais as condições requeridas por umas e outras.

Desde a época de Frederico o Grande, as linhas de invasão eram constituídas pelas de comunicações que ligavam os países limítrofes, construídas desde o tempo de paz para facilitar o intercâmbio comercial e social. Transportando-nos ao nosso meio, em épocas anteriores à atual em que o progresso industrial e as estradas de ferro não haviam coberto o território nem haviam beneficiado com a diversidade de comunicações que existe atualmente, as vias naturais existentes marcavam a direção de marcha ou linhas de invasão.

No nosso país, as linhas de invasão se caracterizaram pelas cochilhas onde existiam os caminhos naturais estabelecidos pelo homem para seu uso e necessidades; a experiência levou-os à escolha dos itinerários mais favoráveis e estes foram as linhas de cumieiras ou divisoras das águas, por oferecerem características de maior firmeza e estarem ao abrigo das inundações.

A natureza joga um papel importante na escolha das linhas de invasão, oferecendo fronteiras de fácil acesso que não dificultam a marcha dos exércitos e seu impedimento.

Quando as fronteiras apresentam grandes obstáculos naturais, caso da Argentina e Chile, pela interposição da cordilheira dos Andes, franqueados os seus desfiladeiros unicamente em determinadas épocas, considera-se uma fronteira fechada, defendida naturalmente pela inacessibilidade que crea o obstáculo.

Outras particularidades podem apresentar as linhas fronteiriças, como serem lagos grandes, banhados, regiões palustres que podem tornar difícil senão impossível a travessia em certas épocas do ano.

As zonas montanhosas requerem um estudo minucioso para tornar possível a sua transposição tendo em vista o ataque a defesa.

As fronteiras abertas em que a natureza não opõe obstáculos sérios, são protegidas por linhas artificiais de fortalezas ou sistema de linhas fortificadas que se oponham ao inimigo como verdadeiros baluartes.

Estradas estratégicas — Alvaro de Alencastre assim a define: “E’ aquella que se adapta aos movimentos estratégicos de um exército. Deverá subordinar-se às seguintes condições: 1.º achar-se no teatro real ou provável de operações; 2.º ser perpendicular à fronteira, ou à frente de batalha; 3.º ser uniforme e conter os desvios necessários; 4.º dispor de plataformas de desembarque e do material necessário para todos os transportes”.

Em outras considerações, esclarece:

“As vias de comunicação que servem diretamente à mobilização e concentração, não têm caráter estratégico. De pois da mobilização e concentração, mesmo durante essas operações, servirão para o transporte de material.

“Agora, uma via de comunicação que no mais aceso da batalha, serve para o transporte do material de guerra, continuando ao mesmo tempo na sua missão de escoar produtos industriais, poderá ser tudo, menos estratégica. O perpendicularismo à fronteira empresta à via de comunicação o caráter de estratégica. Pode acontecer que tenha sido construída com a intenção mais pacífica possível”.

Suspendo a transcrição para expor meu conceito pessoal sobre se corresponde atribuir igual finalidade às linhas de invasão como às estradas estratégicas. Penso não se pode considerar as linhas de invasão como estradas estratégicas.

Ocorre-me a seguinte idéia relativamente à linha de invasão: utilizando-se as estradas naturais como linha de invasão, seu traçado não foi preestabelecido e sua utilização pode obedecer ao império de circunstâncias, seja por caracer-se de uma vida mais adequada aos fins militares, seja porque a falta de tempo não permita a construção de outras. Nestas condições não há escolha possível, mas imposição em adotar a única com que se conta.

Pode acontecer que tal via, adotada como linha de invasão, tenha caraterísticas naturais que a tornem apta a ser considerada como via estratégica, podendo-se denominá-la como tal, mas seria uma coincidência de ordem natural, o que não é corrente acontecer com as vias estratégicas, em vista das propriedades particulares que devem satisfazer, conforme vimos, ao fazer as transcrições de Alencastre.

E' peculiar, ao nosso território, a existência de estradas completamente descobertas, acessíveis a uma ampla observação aérea; privadas de vegetação, não se prestam para ocultar ou dissimular as tropas e seu material, com a agravante de não dispor de densos núcleos de povoação, onde ir buscar os recursos necessários à conveniente dissimulação das tropas e seus comboios.

NO NÚMERO DE SETEMBRO — A ligação tática entre as unidades durante a progressão ofensiva — Ten. Cel. Octavio Paranhos.